

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 „
Numero avulso	30 „

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 „
No corpo do jornal	100 „

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

“Mutato nomine...,”

Não ha muito que acabou de desvendar-se um tráfico nojento, que de longa data servia de base á torpe administração dum ministro de estado francês.

Sabia-se desde muito que aos actos do ministro da guerra, ainda áquelles que violavam direitos formaes, presidia uma injusta e odiosissima accepção de pessoas: e notava-se que eram sobretudo desprezados e perseguidos os officiaes do exercito, que ou professavam mais ou menos abertamente a religião catholica, ou consentiam que algum dos seus a professasse, ou conviviam com pessoas havidas por mais fleis praticantes da religião, ou que, ainda, não ostentando espirito maçónico e anti-religioso, se tornavam suspeitos de occultamente seguirem as ideias ou o culto perseguido; ao passo que os seus camaradas mais conhecidos pelo seu espirito anti-catholico e maçónico, embora homens sem caracter nem disciplina, inhabeis e de costumes depravados, galgavam de prompto a escala das promoções e occupavam de preferencia as missões de confiança.

Isto sabia-se, admirava-se e abominava-se; mas desconhecia-se a íntima engrenagem com que se movia a execranda máchima.

Veiu porém a demonstrar-se no parlamento, com irrecusaveis documentos á vista, que o ministro, vilissimo escravo da infame seita maçónica, tinha organizado um sordido serviço de delação no exercito, que tinha por fim classificar os officiaes segundo as suas ideias ou suspeitas de catholicos, ou segundo o seu ódio á religião e dedicação á maçoneria.

Não se calcula quantas brilhantes carreiras se cortaram, quantas immaculadas reputações se feriram, quantas familias se reduziram á miseria, em quantos lares se lançou a aflicção ou o desalento, que danos de toda a ordem se causaram aos proscriptos da ignobil seita.

E' certo que o indigno ministro, antes de se demittir, foi ignominiosamente esbofetado no meio da representação nacional: mas a maçoneria já acudiu a vingar a obra do seu miseravel escravo, arrancando a vida a quem não tivera animo de deixar impune tam inqualificaveis infamias.

Quando semelhantes tramites de pública governação foram revelados ás atenções do mundo, surgiu por toda a parte, e nominadamente no nosso país, um fervente escarceu de indignadas coleras e execrações, que, a crer-se sincero, denunciava uma rectidão de ideias e pureza de sentimentos altamente louvavel.

Não nos escapou o modo como, neste universal côro de rubras indignações e candentes censuras, se distinguiram os periodicos portugueses que acompanham e defendem os partidos que nos têm governado.

Tal procedimento porém desper-

tu-nos a veia philosophica e levou-nos a pensar: «Ora esta gente ou é descaradamente hypocrita ou grosseiramente inconsciente. Pois o que agora tam reprehensivel se julga a respeito do ministro francês, não é, fundamentalmente, o mesmo que ha tantos annos se passa entre nós, praticado por todos os governos que têm regido a nação? Qual é, em verdade, o criterio com que se escolhem os homens que ham de desempenhar os officios mais melindrosos, mais distinctos, mais pingues, no nosso país? E' porventura o merecimento pessoal combinado e referido ao bem público, como pede a razão da boa politica? Longe disso: entre os muitos influxos que costumam pesar no animo dos governantes, presidindo aos mais graves provimentos, só por maravilha entrará a consideração da dignidade e competencia do candidato para a honra e desempenho do officio público. Vale mais a côr politica do que a honestidade da vida; vale mais a recommendação dum eleicoiro sem consciencia do que a reconhecida competencia pessoal do candidato; preferem-se a indignidade aduladora e ociosa ao merito diligente e nobre!

«Assim, quantas injustiças contra a virtude, quantos desalentos causados ao merito, quantos ousios inspirados á indignidade, quantas desordens nos serviços publicos, quantos males de toda a especie para os individuos, para as familias, para a sociedade! E não é isto, fundamentalmente, o mesmo teor de governo, que, praticado pelo ministro francês, tam férvidas iras despertou nos apologistas dos nossos politicos? Decididamente, o chamado senso commun é hoje em dia um privilegio de poucos... escriptores publicos!»

Por isso é que os fogosos agastamentos da imprensa portuguesa mais excitaram a nossa indignação, trazendo-nos á lembrança a increpação de Horacio: «O que agora tam vivamente censuras, é o mesmo que diariamente applaudes.» — *Mutato nomine, de te fabula narratur.*

“A maior pena da injúria é havê-la feito.”

Seneca.

NOTAS

Covardes e velhacos

Têm-se realizado por toda a parte com desusado esplendor as festas jubilaes em honra da Immaculada Conceição de Maria. A maçoneria e o jacobinismo chammejam de raiva. Nem admira.

Mas querem os leitores saber a última novidade que o mafarrico soprou, e que serviu ás mil maravilhas para disfarçar a vergonhosa impotencia dos maçoes e jacobinos, que, ainda por cima, ficaram perante muitos tonticos a campar de invenciveis ferrabrazes?

Publicou-se aos quatro ventos que as auctoridades haviam prohibido em Lisboa todas as manifestações tanto religiosas como liberaes, feitas fóra de recintos fechados, chegando até a escrever-se que para se ser admitto aos actos religiosos seria preciso um bilhete especial: isto para o dia 8.

Ora o certo é que os catholicos não tinham planeado nenhuma ostentação de piedade fóra de recintos fechados, faltando portanto, deste lado, a materia prima da prohibição. Quanto aos taes jacobinos sim, não tendo elementos para se ostentar senão pela assuada villã e grosseira, pela pedrada incivil e garota, ou pelo insulto desvergonhado e soès, bem mereciam toda a vigilancia das auctoridades.

Mas, medindo-se com a mesma vara os pacificos catholicos e os desordeiros jacobinos, puderam estes fazer crer aos que se fiassem nas suas lamúrias, que, se não faziam grossa manifestação liberal, era isso em virtude da prohibição; ao passo que, a quem suppusesse que tal prohibição era inspiração jacobina, se insinuava que os catholicos de Lisboa mais uma vez foram victimas das artimanhas de seus inimigos.

Mas então, perguntará o leitor, sempre é certo, ou não, que o governo prohibiu as alludidas manifestações? E' sim, fazendo o seu proprio jôgo e o jôgo dos desesperados jacobinos, e emparelhando assim a causa santa da religião do estado com os ridiculos interesses das furnas maçonicas.

Ignorante enfatuado

A maçoneria está-se ostentando por toda a parte com um descaramento inaudito: e Portugal não é dos países onde ella mais se acaba.

No passado dia 8, em que eram mais geraes as homenagens em honra da Immaculada Conceição, quizeram os maçoes de Lisboa contrapôr ás demonstrações da piedade catholica uma contra-manifestação, como elles sabem fazê-las. Lá houve na loja Sympathia e União (tudo isto e muito mais se publicou, como se se tratasse da mais legal das associações), uma conferência feita por um tal snr. Dr. Zephirino Candido, director de A Epoca. Não é preciso dizer que as auctoridades não costumam prohibir nada disto, apesar de se tratar de associações illegaes.

O certo porém é que ao conferente deu-lhe para fallar contra a infallibilidade pontificia: o que vinha maravilhosamente a proposito, porque, segundo diz em sua mesma gazeta, «contavam-se 35 annos que a liberdade recebera um dos mais terriveis golpes—o da proclamação, em concilio, do dogma da infallibilidade».

Ora, se os leitores souberem que o tal conferente é um homem notado pela sua presumpção e vaidade, que em tudo pretende dizer a última palavra, ham de sentir dobrado nojo da ignorancia e pedantismo com que elle falla. Pretender amesquinhar a infallibilidade assegurada por uma especial assis-

tencia de Deus, um homem que pretende possuir a infallibilidade natural!... E vejam que elementos elle tem para ella: diz que no dia 8 de dezembro de 1869 se celebrou um concilio ecumenico (que ideia elle tem de concilio ecumenico!) e que nesse concilio é que foi proclamado o dogma da infallibilidade! Ora toda a gente sabe que a definição dogmatica da infallibilidade pontificia se realizou no dia 18 de julho de 1870.

Se o enfatuado orador assim impinge grosseiras falsidades em pontos faceis de história, calculem o que elle diria em materia de doutrina! Mas os ouvintes eram dignos delle: enguliram o vergonhoso carapetão, dando como bem cabido em 8 de dezembro de 1904 o 35.º anniversario dum facto succedido em 18 de julho de 1870, e applaudiram o conferente, que depois se veiu gabar do que dissera e dos applausos recebidos!

Sam quasi sempre assim os inimigos da religião: ignorantes e presumidos; sem sciencia nem consciencia.

A encarnação da liberdade

Diziam os pagãos que Jupiter desandava a tramontana áquelles que queria perder. Pois, tirada a fleção de Jupiter e posto em seu logar o grão Satanás, a que têm prestado culto os jacobinos de todos os seculos, affirmavam os gentios uma grande verdade.

Se a confirmação deste conceito não estivesse em quantos maisinos o inferno tem inspirado, bastavam os liberaes portugueses para o guindar acima de toda a dúvida.

Chamam-se pomposamente apóstolos e defensores da liberdade: mas apupam, insultam e apedrejam os que ousarem pensar differentemente delles. De fórma que, se lhes perguntarem qual a liberdade que apregóam, não podem deixar de dizer que é a de encadear todo o mundo ás absurdas ideias e locos caprichos do seu desordenado bestunto.

Mas é outro o nosso intuito. Sabem os leitores qual é a personificação da liberdade que os jacobinos e liberaes portugueses apresentam á imitação das gentes que pretendem doutrinar? Pódem imaginar qual é o acabado modêlo, que aquellas cabeças descobriram como concretização dos seus pregoes de liberdade?

E' nem mais nem menos do que o marquês de Pombal: um dos maiores tyrannos, um dos mais cruéis déspotas, um dos mais absorventes inimigos da liberdade, que a triste humanidade tem produzido!

Com isto mostram bem de que natureza é a liberdade que proclamam. Ah! se o decantado idolo de semelhantes cultos, levantando a pesada lousa da sombria sepultura, cá pudesse voltar!...

Mas os desgraçados afinal têm desculpa: se a primeira coisa que o mafarrico lhes tira é o juízo!...

“A virtude vence, quando é opprimida.”

S. João Chrysostomo.

Cartas do Porto (1)

Não temos montanha...

Que pena que faz não haver aqui perto do Porto uma montanha! Uma montanha neste anno de 1904, aqui, era tudo. Braga com o Sameiro, Vianna com Santa Luzia, Guimarães com a Penha—como sam felizes estas cidades do Minho, que possuem cada qual sua montanha!

Rezam as histórias que Roma tinha sete collinas, onde nasceu o direito antigo, e o moderno, acrescentam certos litteratos. Se a justiça do direito antigo era proporcional á grandeza das sete collinas onde se firmava, não surprehende ninguém que desaparecesse, em presença doutro direito mais equitativo e mais nobre, firmado numa só collina, em Jerusalem.

Aquelles sete outeiros de Roma ou nunca existiram, ou lhes acon-teceu o mesmo que ao direito que os fez grandes; porque hoje, se alguém deseja vê-los na cidade eterna, deve munir-se primeiro dum microscopio muito poderoso, que lhe faça crer que, naquella plauura em que assenta a cidade dos Papas, se levantaram essas sete emencias... de terra.

Com tudo, vê-se que a justiça, para ter força de lei e ser acatada pelos homens, deve nascer, ou ao menos fazer-se crer que nasceu no alto dos montes. Será por ter de elevar-se a vista ao ceu, onde todos os povos fazem residir a justiça, quando o homem deseja contemplá-los em sua majestade? Não ha dúvida de que os montes elevam o espirito; e, por isso, a piedade christã lá edifica templos a que devota um culto mais fervoroso, por imaginar que estão mais perto de Deus. E —coisa admiravel!—a sua expectativa não é uma illusão.

O anno jubilar da Immaculada Conceição, que ora se finda, tam saúdoso para os que a amam como Mãe de Deus e Mãe sua, é, em Portugal, uma prova mais desta affirmação.

O Porto, a «Civitas Virginis», não faz a figura que por direito lhe pertence e a que as avultadas sommas de dinheiro dispendido nas festas jubilaes lhe dam jus. E o verdadeiro motivo desta cidade não rivalizar e exceder todas as outras não pôde attribuir-se, senão á falta duma montanha nas suas vizinhanças.

A serra do Pilar, em Gaya, tem uma grande semelhança com os montes de Roma: quem estiver a meio da cidade vê-a nam nivel inferior, a seus pés!

Se aqui, nos arrabaldes da cidade, se elevasse um monte digno deste nome, com um templo no cu-

(1) Estando muito adeantado por causa do dia santo o trabalho do número passado do nosso semanario, quando recebemos a Carta do nosso distincto collaborador, não pudemos ter o gosto de a publicar naquelle número. Não querendo porém, nem devendo, privar della os nossos leitores, publicamo-la hoje, antes da que o mesmo illustre escriptor nos mandou para este número.

Nota da Redacção.

A Restauração

me, já feito ou mesmo para fazer-se, é de crer que as festas do Porto fossem superiores às de todo o país.

Porque não lhe faltava fé, nem piedade, nem dinheiro, nem vontade; antes pelo contrario, tudo abundava em proporções surpreendentes. Mas a falta dum monte, que se impusesse a todos, não deixando lugar a discussão de opiniões, confirmou mais uma vez a divina sentença de que todo o reino desunido ficará desolado.

Braga, com o seu milagroso Sameiro, foi uma maravilha, um verdadeiro milagre de fé e de amor a Maria. Guimarães e Covilhã, Vianna do Castello, Aveiro, Villa Real e Lamego, etc., na unidade de seus programmas e esforços para honrarem a Maria, não só encheram Portugal com o echo das suas manifestações de alegria, mas até no estrangeiro causam ciúmes e provocam dítos mordazes classificando os portugueses de exagerados.

Porém o Porto, onde se têm gasto dezenas de contos para o mesmo fim, figura nesse concerto de louvores à gloriosa Mãe de Deus num plano secundario. Felizmente que lhe não faltou a fé nem o amor; mas faltou-lhe o que produzia a belleza—a unidade. Todos fizeram festas nas suas igrejas, mas foram festas como que em familia: foram festas como as pôde haver todos os annos.

Nas ruas não se viu uma procissão que convidasse a todos para o ceu, não houve uma orchestra que annunciasse aos desditosos os triumphos de Maria, não se viu uma iluminação que chamasse a attenção dos descrentes para a sublimidade da fé. E tudo isto, por não haver aqui perto do Porto uma montanha que predesse a todos, que levasse ali o espirito e as boas obras de todos os que de alma e coração desejassem solemnizar a data gloriosa da definição dogmatica da Immaculada Conceição.

O que seriam as festas do Porto, se se unissem numa quantas ali se tem feito, ninguém o calcula. Não tem havido casa de religiosos, congregação Mariana, ou igreja onde se venera a sua imagem, que tenha deixado de festejar a Immaculada. Que dinheiro e sacrificios representam as festas das Aguas-Ferreas, Cedofeita, Carmelitas, Bomfim, Seminario, S. Francisco, Salesias, Coração de Maria, Coração de Jesus, S. Bento da Victoria, Ordem do Carmo, S. Ildefonso, Sé etc., etc.? Incalculaveis. Os triduos, os pontificaes as decorações, tudo tem satisfello os mais exigentes, mas só dentro das paredes do templo.

Ha excepções dignas de menção; por cuja razão não será esquecido o grande rasgo de generosidade, que uma senhora da illustre familia Barbosa Faria, desta cidade, teve, fundando e dotando um asylo para velhas, offerecido ás invalidas, em preito e devoção filial à Virgem Immaculada.

Tem havido verdadeiros rasgos de generosidade, chegando algumas familias a offerecerem do seu bolso todo o dinheiro que viesse a faltar para serem levados a effeito largos programmas de festas em honra da Immaculada. Mas—coisa lamentavel!, dir-se-ha mais uma vez—tudo reveste o caracter da particularidade. Parece, a julgar pela exterior, que não estamos em terra que se honre de ter por sua Rainha e Protectora a Virgem Santissima; para assim o comprehendere é preciso andar-se de ronda aos templos, para admirar a belleza do que lá se passa. Não faltava agora ainda nos ultimos dias, quem desejasse ser um facto a erecção duma estátua monumental a nossa Senhora da Conceição; pois a difficuldade que fez abortar essa ideia

foi a falta de local onde se realizasse.

Por este conjunto de razões, principia esta carta: «Que pena que faz não haver aqui perto do Porto uma montanha!»

Tudo finda...

A final mais tarde ou mais cedo, mais ou menos brevemente, tudo se finda, tudo encontra o seu terminus.

Está já encerrado o anno jubilar da Immaculada Conceição, e se ainda ha uma ou outra festa, uma ou outra manifestação de piedade e regozijo em honra de Maria Immaculada, sam essas, como que um echo que ficou a repercutir-se nas grandes naves desse majestoso edificio fundado por Jesus-Christo, chamado Igreja Catholica.

Quantas saudades e que impressões vivas ficaram e permaneceram perduraveis certamente no espirito e no coração daquelles que, obedecendo a uma inspiração da Virgem, foram ao templo a contemplar a sublimidade de suas glórias?

Que espectáculo, digno de ver-se, era o marejar suave dos olhos daquelles que não podiam reprimir as emoções do coração, quando contemplavam o fervor piedoso dos christãos, que de joelhos e mãos postas, sem atavio nem cálculo especulativo, se entregavam sem reservas à Mãe de Deus! Quando arrebatados pela eloquencia empolgante que Maria pôs nos labios dos oradores que no pulpito prégaram suas grandezas! Quando o incenso, em suas nuvens de fumo, arrastava até ao throno de Deus os cantos dos sacerdotes, assim como as orações mais intimas que os fervorosos devotos lhe offereciam confiadamente, ou as que, a medo, os mais peccadores ali deixavam em desalinbo, pelo sobresalto em que se achavam seus corações!

Fallamos só do Porto, porque isso nos basta. Pois, se é proprio para julgar o estado, em que se encontra a religião num povo, ir-se ao templo e do que lá se vir tirar argumento para a firmeza de um juízo seguro, o Porto deve ufanar-se do bello exemplo que deu a todos que lá o procuraram.

Apenas, por excepção, se encontra nesta cidade uma ou outra capella onde se não festejasse dum modo particular a Mãe de Deus, Immaculada. A voz do seu pastor, o venerando e muito virtuoso Sr. D. Antonio, bispo do Porto, que no principio do anno jubilar chamou todo o rebanho que lhe foi confiado, a solemnizar dum modo particular a Virgem Santissima, concedendo desde logo todas as licenças que fossem precisas para taes actos do culto, á voz do seu pastor, diziamos, correu pressurosa a corresponder ao seu chamamento a piedade inequivoca e nunca excedida, ainda que igualada, da melhor porção da sua grei.

E certamente que houve festas mais espectaculosas noutras cidades deste reino consagrado à Virgem; mas o que jamais em alguma outra houve, pôde dizer-se sem receio de dementido, foi tantas em numero e deslumbrantes em riqueza.

O Porto comprehendeu que a melhor forma de louvar ao Senhor era ir a sua casa, ao templo, e ali expandir a sua fé com todas as veras de sua alma e com a larga generosidade de seu coração. Por cuja razão apresentou, passando por sobre as vaidades humanas, esse espectáculo grandioso que dia a dia se ia repetindo pelos innumeraveis templos que em todas as ruas e praças se erguem ao Senhor.

Duma resistencia a toda a prova foi a dedicação e esforço dos dois

venerandos prelados, o Sr. D. Antonio, bispo do Porto e o Sr. D. Theotónio, bispo de Meliapor, não se poupando quer um quer outro a sacrificios, para que todas as solemnidades fossem com o maximo esplendor. Eucchia-se a alma de consolação e esperanza, vendo-os numa e noutra parte, celebrando de pontifical, ou, com a sua auctoridade de pastores e oradores sagrados, subindo ao pulpito, a cumprirem a dupla missão de louvar a Maria e instruírem os crentes.

Mas, se o anno jubilar tinha sido uma consagração constante de louvores à Virgem, o dia 8 de dezembro foi uma glorificação inequalavel. Não tentamos agora aqui descrever festas; apenas registaremos o que se viu na quasi totalidade das igrejas do Porto. As festas e exposições do Santissimo Sacramento em Santo Ildefonso, no Terço, na Sé, nos Congregados e no Carmo rivalizavam com as que ali se fazem na semana santa. Estas, que não outras muitas onde tambem estava exposto Jesus Sacramentado, visitamos nós acompanhados por uma multidão de fleis que, não se lhe tendo da inclemencia do tempo, percorria as ruas, de igreja em igreja, louvando a Deus e a Virgem, que tanto haviam abençoado os esforços e sacrificios daquelles que assim haviam emprehendido taes manifestações, baseadas na sublimidade da fé.

E, ainda que tudo acaba, tudo na ordem da natureza tem um ponto final, com tudo, a duração dos fructos que resultaram de taes manifestações, merece uma interrogação.

Não é facil julgar das bênçãos que Deus por Maria, sua santa Mãe, fez e fará descer sobre esta cidade, que, tendo muitos filhos seus, tambem tem muitos que, dizendo-se filhos da luz, o sam realmente das trevas.

Deus abençoou o sacrificio dos bons; que estes, ao menos, louvem, numa effusão de amor perduravel, a santidade do seu Creator.

R. L.

«Jamais façás coisas, que não possas fazer deante de todos.»

Santa Theresa de Jesus.

Os beneficios da confissão

VII

Bastará a confissão feita a Deus?

El' Santo Agostinho quem vai responder. «Ninguém diga, proclama este grande doutor: *Eu confesso-me a Deus, eu cá faço penitência particularmente.* Isso não basta. É necessario o regresso ao sacramento da penitência. Debalde diria Jesus-Christo a seus apóstolos e aos seus successores: *Serão perdoados os peccados que vós perdoades?* Seriam dadas em vão as chaves à Igreja? Decerto que não. Como os peccados commettidos antes do baptismo não podem remittir-se senão pelo baptismo, assim os peccados commettidos depois do baptismo não podem ser apagados senão pelo sacramento da penitência. Tal é a ordem estabelecida por Deus.»

Dizeis que vos confessais a Deus! Mas não vedes que o negar-vos a fazer confissão aos sacerdotes é realmente negar-vos a fazer a confissão a Deus, que os estabeleceu por seus representantes e delegados para receberem as confissões? Os sacerdotes, neste ministerio, sam como os

ouvidos e os labios de Deus: ouvem em lugar de Deus, e pronunciam a sentença em seu nome. Quando perdoados os peccados, é Deus quem os perdôa por elles. Elle prometeu formalmente a ratificar no ceu os julgamentos que elles tiverem pronunciado na terra.

Que diríeis vós dum criminoso, que, pretendendo depender só de seu rei, se negasse a comparecer perante os depositarios da sua auctoridade, obstinando-se em declinar a sua competencia? Este criminoso, negando-se a recorrer aos juizes estabelecidos por seu soberano, recusando a sua auctoridade, não alienaria as graças do mesmo soberano em lugar de o dispor em seu favor? Tal é o procedimento do que pretende não ser julgado senão por Deus. Como poderá elle esperar de Deus o perdão, desprezando a sua auctoridade na pessoa daquelles a quem elle deu o poder de ligar e desligar, de remittir e reter os peccados?

E devemos aliás entender que por misericordia e bondade para conosco é que Deus confiou a homens o ministerio de nos perdoar os peccados. Sem isso, nunca estaríamos seguros de haver obtido o perdão. Que docura nesta certeza do christão arrependido, que confessou o seu peccado com simplicidade de coração e ouve a sentença do sacerdote, do seu confessor: «Eu te absolvo em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo: vai em paz e não tornes a peccar!»

Viajavamos em caminho de ferro, na America, refere um missionario. Um moço inglês, rico, bem educado, de physionomia interessante, estava assentado a alguma distancia. Um dos padres meus companheiros nota na physionomia do moço uma expressão de tristeza indefinivel: lembra-se de que Deus lhe offerece talvez uma alma para consolar. Aproxima-se e dirige algumas palavras de exordio ao moço; e logo se trava conversação a meia voz. O coração do amavel viajante foi-se abrindo pouco e pouco: ganhou confiança no padre e conta-lhe a sua historia. É filho dum ministro protestante de Londres. Depois de ter conservado a sua innocencia até aos dezesseis annos, deixou-se finalmente arrastar a um peccado grave. Desde então o remorso persegue-o e tortura-o. Pediu remedio a seu pae. Recebeu em resposta o conselho de se confessar a Deus. Tem feito isso varias vezes, só, no seu quarto. Mas não tem ouvido a resposta de Deus; não sabe pois se está perdoado; debalde seu pae o tem mandado viajar por toda a Europa para o distrahir. Como dardo agudo, assim está o remorso em seu coração: semelhante a horrida serpente, elle o rói e devora. Não tem mais que fazer senão voltar para Inglaterra e resignar-se a uma vida de desespero! Comovido desta declaração, o sacerdote falla da confissão catholica e da promessa feita por Jesus-Christo de ratificar a sentença do perdão pronunciada por seu ministro.

Imaginai um criminoso numa escura prisão. Espera pelo carasco que o vai levar ao cadafalso. A porta abre-se! Trazem-lhe o perdão!... Tal foi a felicidade daquelle moço. Quer já que a religião catholica lhe seja demonstrada verdadeira, para se poder confessar. Para em Bruges, trata de que o instruem, vê a verdade, abjura o protestantismo, confessa-se e reencontra a felicidade.

VIII

Quaes sam as razões da confissão?

Jesus-Christo obrigou os pecca-

dores a accusarem-se elles mesmos e a confessarem-se aos sacerdotes:

1.º *Para destruir o peccado até á raíz.* Qual é na verdade o principio de todas nossas iniquidades? É o orgulho. Entregando-se ao mal, o homem revoltou-se contra o seu Deus. Pois bem, lhe diz o Senhor, se queres obter o perdão da tua orgulhosa desobediencia, é preciso que te submettas ao homem, teu semelhante.

2.º *Para dar mais apropriados remedios ao estado de cada penitente.* Passa com as doenças da alma o mesmo que com as do corpo. Como nascem de diversas causas, apresentam caracteres tambem diversos, e é preciso empregar contra ellas diferentes meios curativos: ora aos padres é que pertence dominá-las segundo as circunstancias, o estado, as faculdades e as inclinações de cada penitente. O confessor não é só juiz; é tambem medico das consciencias.

3.º *Para melhor nos dirigir no caminho da salvacão.* Ha muitos casos embaraçados, em que se não sabe que partido tomar, e em que cada qual não pôde decidir-se por si mesmo. Ora o sacerdote, no santo tribunal, exerce o officio de doutor. Amigo sabio e prudente, aponta os obstaculos que é preciso vencer, os laços que cumpre evitar; indica á alma o caminho que ella deve seguir, sustenta a sua fraqueza, estimula a sua lenteza ou detem a sua precipitação; estende-lhe sempre mão auxiliadora para a manter na linha recta do dever e da virtude.

4.º *Para nos preservar das recaídas.* O melhor freio contra o impeto das paixões é a obrigação da confissão. A vergonha de accusar as proprias culpas, se lhes não estanca inteiramente a fonte, por causa da fraqueza da natureza humana, é pelo menos mui propria para lhes deminuir o numero. Quantas pessoas de todas as edades, de ambos os sexos, não devem á confissão terem-se conservado ou assegurado na pureza e innocencia! Quantas não vencem cada dia as mais violentas tentações, graças a esta prática salutar! E, quando a deixamos, qual é o abysmo em que não estamos expostos a cair?

5.º *Para nos fazer expiar melhor as nossas faltas.* Custa-nos ir prostrar-nos aos pés dum homem, descobrir-lhe todas nossas fraquezas, todas nossas cobardias, tudo quanto ha de estragado e corrompido no coração; ora a humilhação que se experimenta em fazer uma declaração tam custosa serve em parte para expiar os peccados.

6.º *Por causa de innumeraveis proveitos que della resultam, quer para a sociedade em geral, quer para as familias e individuos em particular.* Os proveitos da confissão sam tam evidentes, que o preceito com que Jesus-Christo a ella obriga deve ter-se por um dos maiores beneficios, com que ao divino Salvador approve favorecer os homens. Bem a podemos considerar em toda a verdade como uma obra prima da sabedoria e misericordia divina. O protestante Leibnitz chama á confissão «uma instituição digna da sabedoria divina; a mais bella de elogios e a mais bella da religião christã; uma instituição admirada dos povos da China, do Japão, e propria para curar todos os males da alma e para os suavizar.»

Não só os philosophos e presumidos incredulos se têm visto forçados a prestar o mais eloquente preito a esta sublime e divina instituição, senão que, alem disso,

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, . J .

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifici et redactor da "Revista Catholica,"

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos. Sem bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados? E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfazião completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquela cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente útil, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, Largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarechal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas, Nunciatura, Boma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

Por José Candido Gomes

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio. O volume avulso 500 réis. Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Pedro Scavini

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*— revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis. Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.